

1



2000

É ASSIM QUE SÃO OS 40? Mesmo? No ano anterior, Meredith tinha passado de senhorita para senhora. Assim, sem mais, sem qualquer transição. Pior ainda, sua pele começara a perder a elasticidade. Havia algumas rugas em locais que costumavam ser lisos. O pescoço estava mais cheio, não havia dúvida disso. Ainda não estava grisalha; era a única coisa boa. O cabelo castanho, com um corte simples na altura dos ombros, continuava cheio e brilhante. Mas os olhos a entregavam. Parecia cansada. E não só às 6 da manhã.

Ela afastou-se do espelho, tirou a camiseta velha e vestiu um moletom preto, meias até os tornozelos e uma blusa preta de mangas compridas. Prendendo o cabelo em um rabo de cavalo, saiu do banheiro e entrou no quarto escuro, onde o som suave do roncar do marido a fazia quase querer voltar para a cama. Nos velhos tempos ela teria feito exatamente isso, teria se deitado bem encostada nele.

Saindo do quarto, fechou a porta com cuidado e seguiu pelo corredor na direção da escada.

À luz fraca de duas luminárias noturnas muito antigas, passou pelas portas fechadas dos quartos das crianças. Não que ainda fossem crianças. Jillian estava com 19, no segundo ano na Universidade da Califórnia, sonhando em ser doutora, e Maddy — o bebê de Meredith — com 18 e caloura na Vanderbilt. Sem elas, a casa — e a vida de Meredith — pareciam mais vazias e quietas do que esperava. Durante quase 20 anos havia se devotado a ser o tipo de mãe que não tinha tido, e dera certo. Ela e as filhas eram as melhores amigas. A ausência delas a deixava à deriva, um pouco sem propósito. Ela sabia que isso era besteira. Não era como se não tivesse muito que fazer. Apenas sentia falta das garotas; era só isso.

Seguiu em frente. Ultimamente, esse parecia ser o melhor modo de lidar com as coisas.

Lá embaixo, parou na sala apenas o suficiente para ligar as luzes da árvore de Natal. No canil, os cachorros pularam nela, ganindo e agitando as caudas.

— Luke, Leia, sem pular — ela ordenou aos *huskies*, acariciando as orelhas deles enquanto os levava para a porta dos fundos. Quando a abriu, o ar frio entrou. Havia nevado outra vez naquela noite e, apesar de ainda estar escuro naquela manhã no meio de dezembro, conseguia perceber os contornos da estrada e do campo. Sua respiração formava plumas de vapor.

Quando estavam todos lá fora e em seus caminhos, eram 6h10 e o céu tinha uma cor púrpura cinzenta.

Bem na hora.

Meredith começou a correr lentamente a princípio, aclimatando-se ao frio. Como fazia toda manhã dos dias da semana, correu ao longo da trilha de pedras que saía de sua casa, passava pela casa dos pais e seguia até a estrada de pista única que terminava cerca de um quilômetro e meio colina acima. Dali, ela seguia o caminho até o clube de golfe e voltava. Exatamente 6 quilômetros. Era uma rotina que raramente deixava de cumprir; na verdade, não tinha opção. Tudo em Meredith era grande por natureza. Ela era alta, com ombros largos,



quadris curvos e pés grandes. Mesmo suas feições pareciam um pouco demais para seu rosto oval pálido — ela tinha uma boca grande tipo Julia Roberts, com grandes olhos castanhos, sobrancelhas cheias e muito cabelo. Apenas o exercício constante, uma dieta vigilante, bons produtos para o cabelo e uma tesoura de tamanho industrial conseguiam manter sua boa aparência.

Quando começou a retornar pela trilha, o sol que se erguia iluminava as montanhas, deixando os picos nevados lavanda e rosa.

De ambos os lados, milhares de macieiras altas e esguias apareciam acima da neve como pontos marrons em tecido branco. Essa área de terreno fértil pertencia à família fazia 50 anos, e ali, no centro de tudo, alta e orgulhosa, ficava a casa na qual havia crescido. Belye Nochi. Mesmo à meia-luz, ela parecia ridículamente deslocada e ostentadora.

Meredith continuou correndo colina acima, mais e mais depressa, até mal conseguir respirar e sentir uma pontada do lado.

Ela parou diante da varanda de sua casa enquanto o vale enchia-se com luz dourada brilhante. Alimentou os cachorros e em seguida correu escada acima. Estava entrando no banheiro quando Jeff saía de lá. Vestindo apenas uma toalha, com seu cabelo loiro ainda molhado, ele moveu-se para o lado para deixá-la passar e ela fez o mesmo. Nenhum dos dois disse nada.

Às 7h20, ela secava o cabelo e às 7h30 — bem na hora — estava vestida para o trabalho com um jeans negro e uma blusa verde justa. Um pouco de delineador, algum blush e rímel, uma camada de batom, e estava pronta para ir.

Lá embaixo, encontrou Jeff na mesa da cozinha, sentado em sua cadeira habitual, lendo o *The New York Times*. Os cachorros dormiam aos pés dele.

Ela foi até a cafeteira e se serviu.

— Você quer mais?

— Não, obrigado — ele disse sem tirar os olhos do jornal.

Meredith colocou leite de soja em seu café, observando a cor mudar. Ocorreu-lhe que ela e Jeff só se falavam a certa distância, como estranhos — ou parceiros desiludidos. E apenas sobre o trabalho e as crianças. Ela tentou lembrar-se da última vez em que tinham feito amor, mas não conseguiu.

Talvez isso fosse normal. Certamente era normal. Quando se está casado há tanto tempo quanto eles estavam, deveria haver períodos de silêncio. Ainda assim, ficava triste às vezes ao lembrar como costumavam ser apaixonados. Ela estava com 14 anos no primeiro encontro deles (tinham ido assistir a *O Jovem Frankenstein*; ainda era um de seus filmes prediletos) e, para ser honesta, aquela fora a última vez em que ela realmente olhara para outro rapaz. Era estranho quando pensava nisso agora; não se considerava uma mulher romântica, mas tinha se apaixonado praticamente à primeira vista. Ele tinha sido parte dela desde que conseguia se lembrar.

Casaram cedo — cedo demais, na verdade — e ela o seguiu para a faculdade em Seattle, trabalhando à noite e nos fins de semana em bares fumacentos para pagar sua educação. Fora feliz no pequeno e apinhado apartamento deles no Distrito U. Então, quando estavam no último ano, ela ficara grávida. Isso a aterrorizara a princípio. Ficara apavorada com a ideia de que poderia ser como a mãe e pensara que ter filhos não seria uma boa ideia. Mas descobrira, para seu grande alívio, que era exatamente o oposto da mãe. Talvez sua juventude tivesse ajudado. Deus sabia que Mamãe não era jovem quando Meredith nascera.

Jeff balançou a cabeça. Foi um movimento mínimo, que mal podia ser chamado de movimento, mas ela viu. Sempre estivera conectada a ele, e ultimamente seus desapontamentos mútuos pareciam criar sons, como um assobio agudo que apenas ela conseguia ouvir.

— O que foi? — ela perguntou.

— Nada.

— Você não balança a cabeça por nada. Qual é o problema?

— Eu lhe fiz uma pergunta.

— Eu não ouvi. Pergunte de novo.

— Não importa.

— Está bem. — Ela pegou seu café e foi para a sala de jantar.

Era algo que tinha feito centenas de vezes, mas ainda assim, quando passou sob a luminária antiquada no teto com seu inútil ramo de visgo de plástico, a visão dela mudou.



Viu a si mesma como que a distância: uma mulher de 40 anos, segurando uma caneca de café, olhando para dois lugares vazios na mesa, depois para o marido que ainda estava ali, e por uma fração de segundo imaginou que outra vida essa mulher poderia ter vivido. E se não tivesse vindo para casa para dirigir o pomar e criar as filhas? E se não tivesse se casado tão jovem? Que tipo de mulher poderia ter se tornado?

E então aquilo sumiu como uma bolha de sabão que estoura, e ela estava de novo no lugar a que pertencia.

— Você vai estar em casa para o jantar?

— Eu não estou sempre?

— Sete horas — ela disse.

— Certamente — ele disse, virando a página. — Vamos marcar uma hora.



MEREDITH ENCONTRAVA-SE À SUA MESA às 8 horas. Como sempre, foi a primeira a chegar e andou pelo espaço do segundo andar acendendo as luzes do depósito transformado em cubículos. Passou pelo escritório do pai — agora vazio —, parando apenas para olhar as placas na porta. Ele havia sido eleito treze vezes como Plantador do Ano e seus conselhos ainda eram procurados pelos competidores de forma regular. Não importava que ele fosse ao escritório apenas ocasionalmente ou que estivesse semiaposentado havia dez anos. Ele ainda era o rosto do pomar Belye Nochi, o homem que fora o pioneiro das maçãs Golden Delicious no começo dos anos 1960, das Granny Smiths nos anos 1970 e das Braeburn e Fuji nos anos 1990. Seus projetos de estocagem a frio tinham revolucionado o negócio e ajudado a tornar possível a exportação das melhores maçãs para os mercados do mundo.

Ela tivera um papel a desempenhar no crescimento e sucesso da empresa, com certeza. Com sua liderança, o armazém de depósito a frio fora expandido e uma grande parte do negócio agora era estocar frutas de outros plantadores.

Ela havia transformado a pequena e velha banca de venda de maçãs em uma loja de presentes que vendia centenas de itens produzidos na região, comidas especiais e lembranças da Belye Nochi. Nessa época do ano — as festas —, quando vagões e mais vagões de trem de turistas desembarcavam em Leavenworth para a famosa cerimônia de iluminar a árvore, mais que alguns deles encontravam o caminho até a loja de presentes.

A primeira coisa que fez foi pegar o telefone para ligar para sua filha mais nova. Já passava das 10 no Tennessee.

— Alô? — gemeu Maddy.

— Bom dia — disse Meredith em tom animado. — Parece que alguém dormiu demais.

— Ah, mãe. Oi. Eu fiquei acordada até tarde ontem. Estudando.

— Madison Elizabeth — era tudo que Meredith precisava dizer para expressar o que queria.

Maddy suspirou

— Certo. Então, foi a festa da Lambda Chi.

— Eu sei como isso é divertido e como você quer experimentar cada momento da faculdade, mas seus primeiros exames são na semana que vem. Na terça de manhã, certo?

— Certo.

— Você precisa aprender a equilibrar o trabalho escolar e a diversão. Então, tire seu traseirinho branco da cama e vá para a aula. É uma habilidade importante ficar nas festas a noite inteira e ainda assim não perder as aulas.

— O mundo não vai acabar se eu perder uma aula de espanhol.

— Madison.

Maddy riu.

— Está bem, está bem. Estou levantando. Introdução ao Espanhol, aqui vou eu. *Hasta la vista... ba-by.*

Meredith sorriu.

— Eu ligo na quinta para descobrir como está sua pronúncia. E ligue para sua irmã. Ela está estressada por causa da prova de química orgânica.



— Certo, mãe. Amo você.

— Amo você também, princesa.

Meredith desligou o telefone sentindo-se melhor. Nas três horas seguintes, ela se lançou no trabalho. Estava relendo o último relatório da safra quando o interfone tocou.

— Meredith? Seu pai na linha 1.

— Obrigada, Daisy. — Ela atendeu a chamada. — Oi, pai.

— Mamãe e eu estamos pensando se você pode vir almoçar conosco hoje.

— Estou atolada aqui, pai...

— Por favor?

Meredith nunca conseguira dizer não para o pai.

— Está bem. Mas eu preciso estar de volta à 1 hora.

— Excelente — ele disse, e ela pôde ouvir o sorriso na voz dele.

Desligando o telefone, ela voltou ao trabalho. Recentemente, com a produção aumentando e a demanda diminuindo, e os custos tanto de exportação quanto de transportes mais altos do que nunca, era comum que passasse os dias apagando um incêndio atrás do outro, e aquele dia não era exceção. Ao meio-dia, uma dor de cabeça causada por estresse de baixo nível rastejara para o espaço na base do crânio e começara a grunhir. Mesmo assim, ela sorriu para os funcionários ao sair do escritório e caminhar pelo armazém frio.

Em menos de dez minutos, estacionava diante da garagem dos pais.

A casa parecia saída de um conto de fadas russo, com sua varanda com aspecto de torre com dois andares e ornamentação elaborada, especialmente nessa época do ano, quando os beirais e corrimãos brilhavam com as luzes de Natal. O telhado de cobre batido hoje estava baço por causa do tempo cinzento de inverno, mas em um dia claro brilhava como ouro líquido. Rodeada por altos e elegantes álamos e situada em uma elevação suave com vista para o vale deles, essa casa era tão famosa que turistas costumavam parar para fotografá-la.

Era coisa da mãe dela construir algo tão absurdamente deslocado. Uma *dacha* russa, ou casa de veraneio, no oeste do Estado de Washington. Até mesmo o nome da fazenda era absurdo. Belye Nochi.

Noites Brancas, realmente. As noites ali eram tão escuras quanto asfalto novo.

Não que Mamãe se importasse com o que estava a seu redor. Ela conseguia o que queria, e isso era tudo. O que quer que Anya Whitson desejasse, o marido dava para ela, e aparentemente ela desejara um castelo de conto de fadas e uma fazenda com um nome russo impronunciável.

Meredith bateu à porta e entrou. A cozinha estava vazia; uma grande panela de sopa fumegava no fogão.

Na sala de estar, a luz passava pelas janelas da parede curva de dois andares de altura no extremo norte da sala — a famosa torre Belye Nochi. As tábuas do assoalho brilhavam com a cera de abelha que Mamãe insistia em usar, apesar de transformar o chão em um rink de patinação se você ousasse tentar andar ali apenas de meias. Uma imensa lareira de pedra dominava a parede central; aglomerado ao redor dela ficava um conjunto de sofás e poltronas com estofamento rico. Acima da lareira ficava pendurada uma pintura a óleo de uma *troika* russa — uma carruagem de aspecto romântico puxada por um par de cavalos idênticos — atravessando um campo nevado. Puro *Doutor Jivago*. À esquerda havia dúzias de imagens de igrejas russas, e abaixo delas o “Canto Sagrado” da mãe, onde uma mesa abrigava ícones antigos e uma única vela que queimava durante o ano inteiro.

Ela encontrou o pai no fundo da sala, junto da árvore de Natal com muita decoração, em seu lugar favorito. Ele estava estendido sobre as almofadas vinho de pelo de cabra do sofá otomano, lendo. O cabelo, ou o que restava dele aos 85, ficava espetado em tufo branco na cabeça rosada. Décadas demais sob o sol haviam deixado a pele com pintas e marcas e ele tinha um aspecto de *basset hound* mesmo quando sorria, mas o ar triste não enganava ninguém. Todos amavam Evan Whitson. Era impossível não amá-lo.

Quando ela entrou, o rosto dele se iluminou. Levantando-se, ele apertou as mãos dela levemente e as soltou.

— Sua mãe vai ficar tão feliz em ver você.

Meredith sorriu. Era o jogo que faziam havia muitos anos. Papai fingia que Mamãe amava Meredith e Meredith fingia que acreditava.



— Ótimo. Ela está lá em cima?

— Não consegui mantê-la afastada do jardim esta manhã.

Meredith não ficou surpresa.

— Eu vou buscá-la.

Ela deixou o pai na sala e passou pela cozinha, chegando à sala de jantar formal. Através das portas francesas, viu uma área de solo coberto de neve, com acres de macieiras dormentes a distância. Mais perto, sob os pingentes de gelo nos galhos de uma velha magnólia, ficava o pequeno jardim retangular demarcado por uma cerca de ferro batido. O portão ornado estava coberto por vinhas marrons; quando o verão chegasse, aquele portão seria uma profusão de folhas verdes e flores brancas. Agora ele brilhava com o gelo sobre o metal.

E ali estava ela: sua mãe com oitenta e tantos anos, envolta em cobertores, sentada no banco negro em seu assim chamado jardim de inverno. Uma neve fina começou a cair; minúsculos flocos enevoaram a cena, transformando-a em uma pintura impressionista onde nada parecia sólido o bastante para ser tocado. Arbustos esculpidos e um único banho para pássaros estavam cobertos de neve, dando ao jardim uma aparência estranha, de outro mundo. Como era de se esperar, a mãe encontrava-se sentada no meio daquilo tudo, imóvel, as mãos cruzadas no colo.

Quando criança, aquilo assustara Meredith — toda a solidão da mãe —, mas à medida que crescera isso começara a ser um embaraço, depois a irritara. Uma mulher da idade da mãe não deveria ficar sentada sozinha no frio. A mãe dizia que era por causa de sua visão ruim, mas Meredith não acreditava. Era verdade que os olhos da mãe não processavam cores — ela via apenas em preto e branco e tons de cinza —, mas isso nunca parecera a Meredith, mesmo quando criança, um motivo para ficar olhando para o nada.

Ela abriu a porta e avançou pelo frio. As botas afundavam na neve até os tornozelos; aqui e ali, pedaços mais sólidos faziam barulho ao serem amassados e ela escorregou mais de uma vez.

— Você não deveria estar aqui fora, mãe — disse ela, aproximando-se. — Vai pegar uma pneumonia.

— É preciso mais do que frio para me causar uma pneumonia. Mal está abaixo do ponto de congelamento.

Meredith revirou os olhos. Era o tipo de comentário ridículo que a mãe sempre fazia.

— Eu só tenho uma hora para almoçar, então é melhor você entrar agora.

— A voz soou dura na maciez da neve que caía, e ela se contraiu, desejando ter arredondado mais as vogais, ter temperado a voz. O que havia na mãe que fazia emergir o pior nela? — Você sabia que ele me convidou para almoçar?

— Claro — disse a mãe, mas Meredith percebeu a mentira.

A mãe levantou-se do banco com um único movimento fluido, como uma deusa ancestral acostumada a ser reverenciada e adorada. O rosto era incrivelmente liso e sem rugas, a pele impecável e quase translúcida. Ela tinha o tipo de estrutura óssea que deixava as outras mulheres com inveja. Mas eram os olhos que definiam sua beleza. Profundos e rodeados por cílios longos, eram de um maravilhoso tom de água com manchinhas douradas. Meredith tinha certeza de que qualquer um que tivesse visto aqueles olhos jamais os esqueceria. Que ironia que aqueles olhos com tons tão impressionantes não conseguissem ver cores.

Meredith segurou o cotovelo da mãe e a conduziu pelo jardim; só então, enquanto caminhavam, foi que ela notou que as mãos da mãe não tinham proteção alguma e estavam azuis.

— Meu Deus. Suas mãos estão azuis. Você devia usar luvas neste frio...

— Você não sabe o que é frio.

— Certo, mãe. — Meredith conduziu a mãe para os degraus dos fundos e para dentro do calor da casa. — Talvez fosse melhor você tomar um banho para se aquecer.

— Não quero me aquecer, obrigada. Hoje é catorze de dezembro.

— Está bem — disse Meredith, observando a mãe ir trêmula até o fogão para mexer a sopa. O cobertor velho de lá cinza caiu no chão, amontoando-se ao redor dela.

Meredith pôs a mesa, e durante alguns momentos preciosos houve ruídos na cozinha, pelo menos algo que se aproximava de um relacionamento.



— Minhas meninas — disse Papai, entrando na cozinha. Ele parecia pálido e delicado, os ombros antes largos agora caídos e reduzidos a nada pela perda de peso. Adiantando-se, ele colocou uma mão no ombro de cada uma das mulheres, puxando Meredith e a mãe para mais perto. — Eu adoro quando estamos juntos para almoçar.

Mamãe sorriu de forma tensa.

— Eu também — disse ela naquela voz contida e com sotaque.

— E eu também — disse Meredith.

— Bom. Bom — Papai assentiu e foi para a mesa.

Mamãe levou uma bandeja de fatias de pão de milho com queijo feta ainda quentes e cobertas com manteiga, colocou uma fatia em cada prato e então pegou os pratos de sopa.

— Andei pelo pomar hoje cedo — Papai disse.

Meredith assentiu e sentou-se ao lado dele.

— Imagino que reparou no fundo do Campo A?

— Sim. Aquela encosta está nos dando algum trabalho.

— Coloquei Ed e Amanda nisso. Não se preocupe com a colheita.

— Eu não estou preocupado. Estava pensando em outra coisa.

Ela tomou um pouco da sopa; estava forte e deliciosa. Almôndegas de cordeiro feitas em casa em um caldo de açafrão saboroso e sedosos ovos de macarrão. Se não tivesse muito cuidado, tomaria a sopa toda e teria que correr mais um quilômetro e meio de tarde.

— É mesmo?

— Quero mudar aquele campo para uvas.

Meredith baixou a colher lentamente.

— Uvas?

— As Golden Delicious não são mais nossas melhores maçãs. — Antes que ela pudesse interromper, ele ergueu a mão. — Eu sei. Eu sei. Construímos este lugar com as Golden Delicious, mas as coisas mudam. Diabos, estamos quase em 2001, Meredith; vinho é o melhor agora. Acho que podemos fazer vinho congelado e colher bem na última hora.

— Atualmente, pai? Os mercados asiáticos estão ficando mais apertados e está nos custando uma fortuna transportar nossas frutas. A competição está aumentando. Nossos lucros caíram 12% no ano passado e este ano não está parecendo melhor. Mal estamos nos aguentando.

— Você devia escutar seu pai — Mamãe disse.

— Ah, por favor, mãe. Você não entrou no armazém desde que modificamos o sistema de resfriamento. E quando foi a última vez que olhou para um relatório de final de ano?

— Chega — disse Papai com um suspiro. — Não quero começar uma discussão. Meredith levantou.

— Eu preciso voltar para o trabalho.

Levando o prato para a pia, Meredith o lavou. Então, colocou o que sobrara da sopa em uma Tupperware, guardou-a na geladeira incrivelmente cheia e lavou a panela. Ela bateu no filtro, produzindo um barulho que pareceu muito alto na cozinha silenciosa.

— Estava uma delícia, mãe. Obrigada. — Ela se despediu rapidamente e saiu da cozinha. Na entrada, vestiu novamente o casaco. Estava na varanda, respirando o ar frio e cortante, quando o pai surgiu atrás dela.

— Você sabe como ela fica em dezembro e janeiro. Os invernos são duros para ela.

— Eu sei.

Ele a abraçou com força.

— Vocês duas têm que tentar mais.

Meredith não conseguiu evitar ficar magoada com o comentário. Ela o ouvira a vida toda; só por uma vez, desejava que ele dissesse que Mamãe tinha que tentar mais.

— Eu vou — ela disse, completando o pequeno conto de fadas deles como sempre fazia. E ela tentaria. Sempre tentava, mas ela e a mãe jamais seriam próximas. Tinha passado muita água sob a ponte. — Amo você, pai — disse ela, beijando-o no rosto.

— E eu amo você, Meredoodle. — Ele sorriu. — E pense nas uvas. Talvez eu consiga ser um vinicultor antes de morrer.



Ela odiava piadas como essa.

— Muito engraçado. — Virando-se, ela foi até o carro e ligou o motor. Engatando a ré no SUV, fez a manobra. Através do rendilhado da neve no para-brisa, viu os pais pela janela da sala. Papai abraçou Mamãe e a beijou. Eles começaram a dançar de forma hesitante, apesar de provavelmente não haver música tocando. O pai não precisava de música; ele sempre dizia que carregava músicas românticas no coração.

Meredith dirigiu para longe da cena íntima, mas a lembrança do que vira permaneceu com ela. Durante o restante do dia, enquanto analisava diferentes aspectos da operação, procurando modos de maximizar o lucro, e enquanto atravessava intermináveis reuniões e remarcava reuniões, descobriu-se lembrando como os pais pareciam apaixonados.

A verdade era que nunca conseguira compreender como uma mulher podia ser capaz de adorar apaixonadamente o marido enquanto ao mesmo tempo desprezava as filhas. Não, isso não era verdade. A mãe não desprezava Meredith e Nina. Ela apenas não se importava com elas.

— Meredith?

Ela ergueu o rosto subitamente. Por um instante, estivera tão perdida em sua própria vida que esquecera onde estava. Em sua mesa. Lendo um relatório sobre insetos.

— Ah, Daisy. Desculpe. Acho que não ouvi você bater.

— Estou indo para casa.

— Já está tarde assim? — Meredith olhou para o relógio. Eram 6h37. — Merda. Quer dizer, que droga. Estou atrasada.

Daisy deu uma risada.

— Você sempre fica até mais tarde.

Meredith começou a organizar os papéis em pilhas perfeitas.

— Dirija com cuidado, Miss Daisy — era uma piada velha, mas as duas sorriram —, e lembre-se que Josh, da Comissão da Maçã, estará aqui às nove para uma reunião. Precisaremos de *donuts* e café.

— Pode deixar. Boa noite.

Meredith arrumou a mesa para o dia seguinte e saiu.

A neve caía com mais ímpeto agora, enevoando a visão através do para-brisa. Os limpadores moviam-se o mais depressa que conseguiam, mas ainda estava difícil de enxergar. Cada par de faróis vindo na direção contrária a cegava por um momento. Apesar de conhecer aquela estrada como a palma de sua mão, diminuiu a velocidade e ficou mais perto do acostamento. Lembrou-se da única vez em que tentara ensinar Maddy a dirigir na neve. A recordação a fez sorrir. *É neve, mãe. Não é gelo negro. Não tenho que guiar assim devagar. Eu poderia ir mais depressa a pé.*

Assim era Maddy. Sempre com pressa.

Em casa, Meredith bateu a porta ao passar e correu para a cozinha. Uma olhada rápida no relógio informou que estava atrasada. De novo. Ela colocou a bolsa no balcão.

— Jeff?

— Estou aqui.

Seguiu a voz dele até a sala. Ele estava sentado ao bar que haviam instalado no final dos anos 1980, preparando uma bebida.

— Desculpe eu estar atrasada, a neve...

— Sim — disse ele. Os dois sabiam que ela tinha saído muito tarde do escritório. — Você quer uma bebida?

— Claro. Vinho branco. — Ela o olhou, sem saber o que sentia. Ele estava mais lindo do que nunca, com o cabelo loiro escuro que só agora começava a ficar grisalho nas têmporas, um queixo forte e quadrado, e olhos cinza-azul que sempre pareciam estar sorrindo. Ele não malhava e comia como um cavalo, mas continuava a ter um daqueles corpos secos, em estado natural, que pareciam não envelhecer nunca. Estava vestido em seu estilo habitual — jeans Levi's desbotado e uma velha camiseta do Pearl Jam.

Ele entregou a ela uma taça de vinho.

— Como foi seu dia?

— Papai quer plantar uvas. E Mamãe estava no jardim de inverno novamente. Ela vai pegar uma pneumonia.



— Sua mãe é mais fria que qualquer campo nevado.

Por um momento, ela sentiu os anos que os uniam, todas as conexões criadas pelo tempo. Ele formara uma opinião sobre a mãe dela mais de duas décadas atrás e nada acontecera para mudá-la.

— Amém para isso. — Ela se encostou na parede. De repente, o padrão louco/agitado/apressado do dia — da semana, do mês — caiu sobre ela e Meredith fechou os olhos.

— Escrevi um capítulo hoje. É curto. Apenas cerca de sete páginas, mas acho que está bom. Fiz uma cópia para você. Meredith? Mere?

Ela abriu os olhos e percebeu que ele a fitava. Uma pequena ruga cortava a pele entre os olhos, fazendo-a imaginar se ele havia dito alguma coisa importante. Tentou lembrar, mas não conseguiu.

— Desculpa. O dia foi longo.

— Você vem tendo muitos desses dias ultimamente.

Ela não podia dizer se havia um tom de acusação na voz dele ou se era apenas honestidade.

— Você sabe como é o inverno.

— E a primavera. E o verão.

Ali estava a resposta: acusação. Até o ano passado ela teria perguntado o que estava errado entre eles. Teria dito como se sentia perdida nas minúcias cinzentas de seu dia a dia e como sentia falta das meninas. Mas ultimamente esse tipo de intimidade parecia impossível. Não sabia dizer direito como acontecera, ou quando, mas a distância parecia estar se espalhando entre eles como tinta derramada, manchando tudo.

— Sim, acho que sim.

— Vou para o escritório — ele disse subitamente, pegando a jaqueta que deixara no encosto de uma cadeira.

— Agora?

— Por que não?

Ela imaginou se aquilo era mesmo uma pergunta. Ele queria que o detivesse, que desse uma razão para ficar, ou queria mesmo ir? Não estava certa e, real-

mente, não se importava no momento. Seria bom tomar um banho quente e beber uma taça de vinho e não ter que tentar pensar no que dizer no jantar. Seria ainda melhor não ter que fazer o jantar. — Nenhum motivo.

— Sim — disse ele, beijando-a no rosto. — Foi o que pensei.